

## CELSE PEDRO LUFT, MUITO MAIS QUE UM GRAMÁTICO

Simone Kniphoff dos Santos<sup>1</sup>

Este trabalho foi desenvolvido ao longo dos cinco meses que participei do projeto intitulado “Organização e Divulgação do Acervo Celso Pedro Luft”, já iniciado pela bolsista Julia Fragüas, também graduanda de Letras na PUCRS. O projeto, financiado pelo CNPQ, era realizado dentro do Espaço de Documentação e Memória Cultural DELFOS, no acervo do autor, onde tive orientação quanto, aos procedimentos, da professora Alice Therezinha Campos Moreira, além da bibliotecária e da auxiliar administrativa do local.

O foco principal deste texto é destacar a contribuição do autor na área da linguística e do ensino da língua. Professor e escritor muito conhecido pela publicação de dicionários e outras obras de aspecto estritamente normativo da linguagem, mas que também possui publicações que propõe um estudo diferente da linguagem, como a Coluna *No Mundo das Palavras*, publicada no jornal *Correio do Povo* de 1970 a 1984; *Língua e Liberdade* (2002); *Ensino e Aprendizagem da Língua Materna* (2007).

Nesse ambiente tive um contato direto com as obras do autor. O primeiro livro estudado foi *Língua e Liberdade*, que muito me surpreendeu, pois contém citações como: “Dispensáveis – todas as regras que não contribuem para a eficiência comunicativa, as que embarçam e travancam a comunicação, que dão ao aluno a idéia de que ‘aula de Português é uma chateação’ não serve para nada”. Surpresa, pois as obras do autor, que já eram de meu conhecimento, possuíam um caráter estritamente normativa da língua, que continham as regras que a língua culta pratica.

Muitos, assim como eu, só conheciam esse lado gramático de Celso Pedro Luft, e acreditavam que o autor fazia jus à sua carreira de pesquisador da Língua Portuguesa, graduado em Letras Clássicas e Vernáculas pela PUCRS, com especialização em Filologia Portuguesa e Lingüística pela universidade de Coimbra, que lecionou em duas das maiores faculdades do Rio Grande do Sul, PUCRS e UFRGS, sendo aquele que defendeu a língua ensinada pelas regras que as gramáticas tradicionais propõem, pelo ensino clássico, e não fosse contra esses livros, que muitos, ele mesmo escreveu e publicou.

Porém, não só de gramática viveu o homem. Sem dúvida, Celso Pedro Luft dedicou toda sua vida aos estudos da língua portuguesa, isso pode ser observado tanto em suas obras, quanto em seus manuscritos. Nos cinco meses que tive o prazer de trabalhar como bolsista de

---

<sup>1</sup> (Graduanda em Letras / PUCRS)

iniciação científica no acervo do autor, pude observar o seu forte empenho em trazer um novo ensino para a disciplina de língua portuguesa.

Para o autor, uma solução eficiente é substituir o critério de correção, que cultua o “não sei nada de português” e apenas bloqueia o aluno, pelo da adequação comunicativa, tendo em vista o funcionamento da língua ou a sua prática natural. Os conteúdos trabalhados de forma forçada e decorada, o ensino de regras soltas, apenas incentivam a aversão do aluno à disciplina de língua portuguesa. No parágrafo abaixo, podemos observar a preocupação do autor com esse forte problema no ensino.

“De tanto ouvir definições e conceitos abstrusos, classificações e subclassificações; de tanto enfrentar análises herméticas; de tanto ser obrigado a decorar o que não consegue compreender e talvez nunca venha a aplicar – o aluno vai sendo arruinado linguisticamente. Convence-se de que a sua própria língua é coisa esotérica, só acessível a iniciados, professores de Português, gramáticos, lingüistas. Surge o conceito: a nossa língua é a mais difícil do mundo, jamais a aprenderemos bem; a língua está em decadência; os jovens não sabem falar; etc; etc. O purismo gramatical da escola certifica o aluno de uma verdade chocante: todos falam errado!” (LUFT, 2007, p. 91)

Interessado em passar seus conhecimentos sobre a língua ao público, não necessariamente iniciado no campo lingüístico, o autor buscou escrever *Língua e Liberdade* de uma forma simples, para que todo leitor pudesse ler.

“Este não é um capítulo para iniciados em Lingüística, menos ainda para técnicos em linguagem. Isso seria trair a finalidade e o caráter deste livro. Meu propósito é tornar o assunto acessível ao leitor comum, a pais, educadores, interessados em geral, que não tenham necessariamente preparo técnico nesse campo” (LUFT, 2002, p. 33)

Porém, ao contrário do que diz nesse capítulo do livro, acredito que seus estudos seriam muito bem aceitos pelos iniciantes da faculdade de Letras, já que trabalha de uma maneira simples com a análise de teorias lingüísticas e soluções na prática do ensino. Aplicando uma didática do ensino da língua portuguesa baseados em teorias da lingüística de Chomsky.

Podemos observar que na obra de Celso Pedro Luft, temos uma forte influência da teoria lingüística defendida por Noam Chomsky. Aplicando o fato de termos uma gramática interna, não sermos *tabula rasa*. Acreditar que o aluno tem muito a acrescentar, não ignorar seus conhecimentos prévios, mas respeitá-los e praticá-los. Impedir que o aluno se anule pelo medo obsessivo de errar.

Na coluna diária *No Mundo das Palavras*, publicada de 1970 a 1984, além de o autor discutir sobre as regras gramaticais, também problematizava as questões de ensino e buscava

soluções. Todos os textos são voltados para as questões da língua portuguesa, mostrando a teoria, exemplificada e contextualizada, além de considerar suas variantes no idioma.

Pois a língua, assim como o conhecimento, não é estática, ela se transforma conforme a prática dos falantes, e algumas regras presentes nas gramáticas são deixadas de lado para que haja comunicação eficiente. Um exemplo disso é citado no livro *Ensino e Aprendizado da Língua Materna*, onde o autor afirma “Falado, *vi-o* confunde-se com *viu*. Da mesma forma *Eu o vi: o vi*, pronunciado confunde-se com *ouvi*.”. No falado acabamos substituindo por *vi ele* e no culto resolve-se *por vi a ele* etc.

A linguagem se adapta para que haja uma boa comunicação, já que é um instrumento vivo, mas que existe para o nosso uso e não nós existimos para ela. Como o autor já defendia em seu livro *Ensino e Aprendizagem da Língua Materna* (2007), “A língua é que deve constantemente readaptar-se à vida. Por isso ela é um sistema aberto, dinâmico e flexível”.

Porém, também não podemos simplesmente deixar de ensinar gramática e sair ensinando linguística pura, como cita Clarice Theresinha Arenhart Menegat, em seu livro *Gramática e Lingüística na Obra de Celso Pedro Luft* (2006), “É preciso assimilar e introduzir os resultados das investigações linguísticas no que trazem de positivo, como as noções de linguagem e língua, de variedades e registros”. Nós, graduandos e futuros licenciados em língua portuguesa, devemos ter essa noção ampla da linguagem e saber analisar e aplicar as teorias que estudamos.

Temos a obrigação de tornar claros alguns conceitos, como o que Celso Pedro Luft cita em seu livro *Ensino e Aprendizado da Língua Materna*, “O melhor falante é aquele que, autêntico nas idéias e nos sentimentos, sabe, em cada situação, entre as variantes idiomáticas, escolher as mais adequadas e eficientes, e as emite com boa dicção e técnica vocal”. O aluno deve compreender a linguagem, tanto a culta para ambientes formais, quanto uma linguagem mais simples para outros meios. Um bom falante é aquele que sabe utilizar sua língua de forma eficaz na sua comunicação e se faz entender.

Um fator curioso ao estudar um pouco mais sobre o autor e observar alguns de seus manuscritos, é ele ter recebido tantas críticas ao publicar seu livro *Língua e Liberdade*, já que esse foi construído a partir da coluna diária que publicava no jornal *Correio do Povo*, desde quatorze anos antes da publicação do livro em 1985. Foram tantos os questionamentos de como um gramático pode incitar a liberdade na língua que o autor acabou produzindo outros livros sobre linguística e ensino da língua. Um deles é o já citado *Ensino e Aprendizado da Língua Materna*, no qual o autor esclarece de forma mais profunda suas crenças linguísticas,

com uma linguagem mais direcionada aos estudantes de Letras, questionando as formas de ensino, como no parágrafo abaixo.

“Como o ensino tradicional põe a ênfase justamente nessas regras não pertinentes da linguagem culta escrita formal (hiperformal), é natural que fique a impressão de que os alunos – na verdade todas as pessoas, professores incluídos... – não dominam a gramática da sua língua.” (LUFT, 2007, p. 69)

No mesmo livro citado acima, deparamo-nos com o autor exemplificando seus estudos com o famoso escritor brasileiro, Machado de Assis, para deixar claro que até mesmo um grande escritor nem sempre é íntimo da gramática normativa padrão.

“Machado de Assis, mestre da língua, não entendia nada de gramática? De Gramática (teoria explícita, nomenclatura, etc.) podia não saber nada, mas sabia tudo de gramática real da língua, tudo de gramática oral dos cariocas, e tudo de gramática literária dos melhores clássicos da língua portuguesa. Não foi professor de Português, mas foi e continua sendo mestre inexecutável da língua.” (LUFT, 2007, p. 57)

Esse trecho também defende as teorias baseadas nos escritos de Noam Chomsky, de que “todo falante conhece sua gramática”, talvez não tudo o que a disciplina Gramática prega, mas conhece sua gramática interna, também presente no trecho “A língua é um sistema, estrutura de entidades e relações, e como tal está na mente dos falantes, desde quando ali, ao natural, se instalou.”. Porém o ensino teórico trabalha de uma forma confusa onde apresenta um aglomerado de nomes e teorias, regras arbitrárias e indefectíveis exceções.

O ser prática a língua, e seu sistema de regras, desde muito antes de ser apresentado à Gramática, com G maiúsculo, pois se trata da Gramática, disciplina que contida em um grande livro com normas da língua e não nossa gramática interiorizada, a qual, após o período de balbúcio e de produzir palavras, pouco tempo depois, nos permite formar frases baseadas nas regras já estabelecidas nessa gramática interna. Um exemplo vivo desse fato é a conjugação de verbos irregulares, como *fazer*, que muitas crianças falam *fazi*, já que não têm o conhecimento de que é irregular e o certo é *fiz*, fora tantos outros padrões linguísticos criados pelos falantes do idioma.

Celso Pedro Luft, defendendo a criação desse novo modo de ensino, que admite que o aluno possua conhecimento de sua língua, também cita a teoria de relação, postulada por Ferdinand de Saussure, descrevendo a língua como um sistema de sinais (signos) “todos correlacionados e opostos numa rede funcional”, pregando o estudo da língua portuguesa como o uso das relações das palavras. O autor incentiva a prática do português, na leitura e produção textual, não com regras soltas da gramática tradicional.

Gramática tradicional, que graças a Ferdinand de Saussure e outros teóricos do mesmo campo de estudo, oriundos da *Escola de Praga* que baseados em teorias de Platão nos trouxeram a produção e a análise de textos fundamentadas na prática que denominaram de *Teoria da Relação*, em que o estudo das regras do idioma não é visto de forma isolado, mas sim contextualizado, gerando um novo conceito de gramática, a Gramática Moderna. Gramática essa que tenta resolver problemas como os exaltados abaixo, presentes na Gramática Tradicional.

“Particularidades do idioma culto, em especial na sua modalidade escrita, vocabulário (forma e significação), sintaxe mais elaborada, problemas de regência e concordância, variabilidade expressional (estilística), cultura de língua, etc. – coisas todas utilíssimas no uso efetivo da língua e que se poderia aprender pela prática (não teoria), por indução e treinamento. “A maior parte das pessoas ditas cultas, entre as quais até escritores [...], escrevem mal, viciosamente, pobremente, canhestramente, são incapazes de encontrar a forma adequada à expressão do pensamento ou do sentimento” (idem) – e justamente isso a escola não ensina” (LUFT, 2007, p. 56)

Com uma vida de dedicação à língua portuguesa, o autor nos deixa uma forte herança para o seu estudo, não apenas no âmbito normativo, com as suas gramáticas, mas também se faz presente em manuais de como ensinar a língua materna, de certa forma, traduzindo teorias mais complexas sobre a língua para pessoas não necessariamente inseridas no campo linguístico. Sua contribuição é de grande valia para os estudantes de Letras e público em geral que se interesse por questões, seja da língua portuguesa, seja do ensino.

## Referências

LUFT, Celso Pedro. *Língua e Liberdade: Por uma nova concepção da língua materna*. São Paulo: Ática, 2002.

LUFT, Celso Pedro. *Ensino e Aprendizagem da Língua Materna*. São Paulo: Globo, 2007.

MENEGAT, Clarice Teresinha Arenhart. *A Obra de Celso Pedro Luft: Tensão entre gramática e linguística*. 2004. 228fls. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MENEGAT, Clarice Teresinha Arenhart. *Gramática e Linguística na Obra de Celso Pedro Luft: No panorama dos estudos da língua de 1960 a 1990*. Santa Cruz do Sul: IPR, 2006; *DELFO*, Espaço de documentação e Memória Cultural. Disponível em <[www.pucrs.br/delfos](http://www.pucrs.br/delfos)>